

REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**
Redacção e administração — Calçada do Combro, 28-A, 2.º — Lisboa — PORTUGAL
End. telegr. *Talaba* — Lisboa — Telefone: 2
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

AS 8 HORAS E A C. G. T.

Trabalhadores portugueses -- para os comícios públicos!

A C. G. T., com o convite que vem de dirigir à organização operária do país, pretende levar esta, por intermédio das Uniões de Sindicatos Operários, a uma manifestação nacional em que o proletariado demonstre inequivocamente que não está disposto a consentir, como o pretende o patronato do comércio e da indústria, que a lei das 8 horas de trabalho seja modificada para pior.

A atitude bífrente que os governantes estão revelando neste caso da lei das 8 horas é indício seguro de que se pretende anular essa regalia, há longos anos reclamada pela classe operária. E assim sucederá realmente se o proletariado, por uma forte pressão exterior, não fizer cumprir a lei, evitando dêste modo que ela seja um bocadinho de papel tão inútil como tantos outros que enchem os arquivos ministeriais.

O SINDICALISMO EM FRANÇA

Que é o Conselho Económico do Trabalho?

Os intuitos com que foi criado

Concluimos hoje a declaração que a C. G. T. francesa julgou necessária a lume, para explicar as circunstâncias que a levaram a instituir o organismo a que se refere a epígrafe acima e as funções que lhe é chamado a desempenhar.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para cada um dos parágrafos desta segunda parte do importante documento, que nela redobra de interesse.

A nacionalização industrializada. Sua definição e condições de efectividade

Perfilando a concepção da nacionalização industrializada, cujas condições de realização ele se empenha em definir, o Conselho Económico do Trabalho não deseja mais perpetuar e consolidar a fórmula actual de estatismo, que em nada soube justificar as esperanças que nela haviam sido depositadas.

Como a compreensão e reclamação do movimento operário, a Nacionalização consiste na entrega aos produtores e consumidores associados, dos meios de produção e da troca de que eles foram despossuídos em proveito de alguns indivíduos.

Desarmar o Estado, fazendo-o volver para o instante em que o passado de representante dos organismos colectivos de produção e de repartição, tirar-lhe assim as forças de coerção que ele encerra, arrancar das mãos do Capital a direcção da economia nacional, dar ao Trabalho os direitos a que aspira e as responsabilidades que lhe são apto para assumir, tal é a tarefa a executar.

A salvação está na organização de uma mira única e intencional, única susceptível de responder convenientemente às necessidades gerais do consumo, única capaz de determinar a transformação essencial dos métodos de produção — operários e técnicos; — dos que tem, ou antes, deveriam ter por missão profissional a coordenação das actividades colectivas — os funcionários; — aqueles enfim que representam os interesses dos consumidores e cooperadores. Só pode ter realização recorrendo da maneira mais larga aos ensinamentos da investigação científica, cujo prosseguimento deve ser desenvolvido e metódico.

Essa produção intensiva, porém, só é possível com duas condições. É necessário:

1.º Que seja organizada no país de tal forma que as riquezas naturais, o génio da raça, a instalação industrial e o ordenamento dos meios de produção sejam plenamente valorizados, e que todos tenham parte no trabalho comum que produz os objectos necessários à vida individual e colectiva.

2.º Que os produtores, cujos interesses tem sido negados ou desprezados, tenham a certeza de que o seu labor é dado em proveito da colectividade de inteira, e não para satisfação dos interesses particulares de uma classe, que, para a satisfação dos interesses da classe, se lamenta pela incapacidade que ela mostra aos seus membros perspicazes, já nem sequer pode alegar em defesa dos

NOTAS & COMENTÁRIOS

Sadoul, candidato a deputado

Os socialistas em Paris apresentam ao sufrágio da cidade o nome de Sadoul. Advogado nos tribunais da capital francesa, Sadoul, mobilizado ao começo da guerra, tem o posto de capitão do exército. Enviado à Rússia como agregado a uma missão diplomática, negociou depois a obediência ao governo que chamava à França, e por lá se deixou estar prestando à República dos Sovietes serviços de importância. A justiça militar julgou-o sumariamente por deserção, por inteligência com o inimigo (?) e por excitar os soldados à desobediência.

Tomando Sadoul como um símbolo da revolução russa, os socialistas ao apresentarem o seu nome logo à cabeça das suas listas, querem afirmar o seu protesto contra a condenação à morte de Sadoul pela justiça militar, e ao mesmo tempo a sua simpatia e apoio à revolução proletária iniciada pelo povo soviético.

Bom filho a casa torna...

O sr. Alfredo Ladeira, antigo operário, filiado no Partido Socialista antes da revolução de 5 de Outubro, ao triunfar a República e tendo-lhe a burguesia acentado com uma cadeira de deputado, voltou as costas ao seu partido e filiou-se no Partido Republicano Democrático. Como democrático assistiu, sem protesto, antes, durante e depois da revolução de 28 de Maio, a todas as pautas vergonhas e arbitrariedades cometidas pelo seu partido contra as classes trabalhadoras, donde saiu, e até contra os seus correligionários da véspera.

Suécia, porém, que a guerra veio abrir longo futuro ao socialismo e, entre nós, por circunstâncias várias, os partidos políticos burgueses estão condenados a morrer sob o desprazo, o mais profundo, e a repugnância, a mais justificada, de toda a população. Então, mestre Ladeira calculou que a ocasião era azada para voltar de novo ao seio dos seus antigos correligionários socialistas.

O partido democrático — pensou — já não dá nada, e o que dá já é pouco para a gula insaciável dos pretendentes. E, zás, desfilou-se daquele e filiou-se no P. S. P. E vai daí, os seus antigos correligionários, que lhe trocaram por uma cadeira de deputado, receberam-no com foguetes e balões à veneziana, como o grande Elias.

Ah! Não há dúvida que a vidinha é uma ladeira bem difícil de subir com a espinha bem direita!

Há quem, a propósito, lembresse já que o bom filho à casa torna. Mas será o ditado popular bem aplicado a este caso?

O Congresso Internacional da Imprensa

PRAGA, 14 (T. S. F.). — O sindicato dos jornalistas tchecos organizará, no mês de Junho de 1920, um Congresso Internacional de Imprensa, para o qual serão convidados todos os países da Entente. Rádio

T. capaz de fazer a ordem pela elaboração das soluções adequadas. E quando soar a hora próxima dos actos, longe de se subtrair às responsabilidades que lhe tocou, saberá pelo contrário assumir-las com o apoio da classe operária inteira, com a colaboração dos homens de bem, de todos os que não tem a inteligência obscurada nem falseada pelo egoísmo de classe.

Anunciando esta acção, a C. G. T. deseja declarar além disso que, juntamente com esta empresa realizada no terreno nacional, efectuará um esforço internacional da mesma ordem.

A organização geral da produção no mundo, a extracção das matérias primas, a sua repartição, a dos produtos manufacturados e dos géneros alimentícios devem ser objecto de preocupações semolhantes da parte dos trabalhadores de todos os países. A situação económica mundial, as crises e a agitação nos países que pare-

A Companhia Carris

projecta um novo aumento de tarifas

Ou é da nossa vista, ou prepara-se a companhia de Santo Amaro para aplicar aumento grosso no preço das tarifas dos eléctricos. Olé. Pelo menos há disso indícios sérios, a começar pelo arrazoado extenso visível em plena primeira página, corpo 10, de um grande quotidiano anunciador, e que, Deus nos perdoe, cheirava à légua a cousa paga à linha e por bom preço. A imprensa está assim, de coife à porta ou à meia porta, para receber o que lhe pagarem em troca de qualquer publicação, não importa a espécie. Pois prepara-se a companhia de Santo Amaro para grossa extorsão. Ou é da nossa vista. Lá se falava no extenso arrazoado dos aumentos de 50 a 100 por cento nas tarifas que uma companhia de Londres, explorando a viação eléctrica, iria brevemente pôr em prática. Lá se aludia ao estado financeiro da Companhia Carris, em jeremiadas comovedoras. Na essência trata-se duma mentira pegada. As trapalhices da escrita da companhia Carris tem sido já bastas vezes trazidas ao público, mas nem com isso ela modifica os seus processos. Tudo mentira. De verdadeiro há apenas a intenção de elevar os preços dos eléctricos. Dessa não nos livramos nós, a menos que resolvemos adoptar por uma vez uma atitude decidida contra tanta exploração. Senhores por um lado, merceeiros por outro, assambrados, especuladores, larapíes descarados, toda uma matulagem desenfreada se precipita sobre nós a roubar-nos as últimas gotas de sangue. Não resolveremos nós corrê-los a chicote finalmente?

A excursão operária a Paris

Se bem que a inscrição ainda não esteja aberta, continua a aumentar o número de camaradas inscritos para a excursão a Paris, a realizar em 1921, organizada por um grupo de redactores de *A Batalha*, sendo de esperar que o número de aderentes engrosse em breve sensivelmente. Na última reunião da comissão organizadora, tomaram-se várias resoluções, entre elas a de que a cotização se iniciará na primeira semana de Dezembro, sendo como já anunciámos, de 2800. Brevemente se escreverá a vários camaradas de Paris, para que eles nos elucidem acerca das facilidades que ali nos poderão proporcionar, depois do que publicaremos o programa completo da excursão, estando já estabelecido que a sua permanência em Paris será de 15 dias, realizando-se alguns passeios às localidades mais importantes da região do Sena. Será um passeio por todos os títulos agradável, merecendo bem o sacrifício que todos nós, operários, fazemos, arrancando dois escudos às férias semanais.

A comissão organizadora ainda deliberou que qualquer camarada que de se de participar na excursão, tenha a facilidade de retirar o dinheiro com que contribuiu, de que se descontarão 10% sobre as despesas de transporte, especialmente na confecção de impressos que se tornam indispensáveis.

Assim, com esforços nacionais como o que a C. G. T. vai empreender, com esforços internacionais que vão constituir a acção do proletariado mundial, estabelecer-se há na Humanidade o regime novo; assim se realizará com a justiça social a união dos povos reunidos na mesma acção do progresso e do paz.

Tal deveria ter sido o objectivo essencial da Sociedade das Nações, cuja realização verdadeira é reclamada pelo proletariado de todos os países.

Tal é a obra da qual a C. G. T. quer ser iniciadora com a criação do Conselho Económico do Trabalho.

A Confederação Geral do Trabalho.

Explotando a paciência pública

Juventudes Sindicalistas

O governador civil notifica-nos a proibição de inserir convocações destas colectividades

Por meio de convite, patenteou-nos o governador civil o seu desejo de avistar-se com um redactor da *Batalha*, e, nesta conformidade, lá se dispôs ontem um de nós a procurar, no seu palácio da rua Capelo, o sr. Prestes Salgueiro. Comercios com a autoridade nua e crua do nosso gosto, para falar com a teia da rua. Mas, em suma, alguma cousa de imprevisível teria a dizer-nos o governador civil, para assim tam inopinadamente nos chamar. De modo que sempre o ferrão da curiosidade nos foi duficando a *démarche*.

O sr. Prestes Salgueiro, logo que na sua presença fomos postos, manifestou admiração pelo nosso jornal. Muito obrigado. Ajuntou que não nos tinha chamado para discutir connosco, está bem de ver, mas tam somente para fazer-nos uma notificação. A qual notificação vinha a consistir no aviso de que, doravante, está *A Batalha* impedida de publicar as notas convocatórias das reuniões das Juventudes Sindicalistas. Com sumo desprazer ouvimos a prevenção do governador civil e de boa vontade lhe perguntáramos que razões alegava ele para justificar uma tam injustificável arbitrariedade. Porque o certo é que nem só em Portugal existem agremiações de jovens operários, os quais se associam para instruir-se, para tomar conhecimento dos grandes problemas sociais, para encarar de frente a perspectiva combativa do futuro. Em França, por exemplo, a organização das Juventudes Sindicalistas é importantíssima, e de dia para dia mais se fortalece. A guerra, roubando às Juventudes Francesas os seus melhores elementos, adormeceu a actividade dessas valiosas instituições. Mas já a revivescência se vai operando entusiasticamente, promovida por aqueles elementos que escaparam ao fogo e ao ocorrer a retomar os antigos postos. O mensário da organização, *Le cri des Jeunes Syndicalistes*, reapareceu também, depois duma suspensão de perto de cinco anos. E o governo francês não pensou ainda, em exercer contra as vigorosas Juventudes do seu país as odiosas perseguições que os nossos governantes tem exercido contra as ainda embrionárias Juventudes Portuguesas.

Certo é que a gente do poder, trate-se lá de que país se tratar, é sempre mais simpática a mocidade que se sifila na crápula, que se desmoraliza na embriaguez, que se abstrai na ignorância do que a que procura superiorizar-se pela instrução, tornando-se um real valor pela consciência moral que adquire, elevando-se até ficar uma força revolucionária em permanente vibração. E contudo, o governo francês deixa viver e agir as Juventudes Sindicalistas do seu país. Não se trata aqui precisamente dum maior apêgo à liberdade mas talvez duma mais inteligente tática, pois nada conseguem as perseguições para destruir uma organização que já criou raízes e renasce inevitavelmente depois de cada nova poda governamental.

Estas e muitas outras coisas nos denunciam de gritar ao governador civil, depois de ouvirmos o aviso de mais esta proibição para tolher-nos. Mas não queria o sr. Prestes Salgueiro discutir. A autoridade mandou. O povo soberano obedece e a isto se resume a sua soberania. Pois não pode o governador civil nem os seus subordinados ouvir falar das Juventudes Sindicalistas. A época é de opressão inquisitorial. A imprensa avançada vê os seus direitos de dia para dia restringidos. O absolutismo não é pior, e tem ainda a vantagem de apresentar-se francamente, sem a máscara da democracia e do liberalismo.

Não consente então o governador civil a publicação, na *Batalha*, das notas convocatórias das Juventudes. E que estas agremiações não tem existência legal, — dignou-se explicar o chefe do distrito. Mas porque é esta excepção de só ser dificultado o funcionamento das Juventudes Sindicalistas quando se dá inteira liberdade às Juventudes Católicas, às Montarquicas, às Republicanas? Ah, que se o sr. Prestes Salgueiro estivesse disposto a discutir!

Trabalhadores lede e propagai o BATALHA

OS PRESOS

RECLAMA-SE DOS TRABALHADORES:

Desde aquela radiosa madrugada de 5 de Outubro, em que os ídolos, reunidos em conclave na casa de banhos de S. Paulo, deliberaram ofertar ao povo uma República cujas excelências eles se tinham esfaldado em gritar nos tempos aureos da propaganda, nos hortijos e quintarolas existentes no termo de Lisboa, que frequente é os governantes, em nome da sublime trilogia, ou que assentam as noveis instituições: *Igualdade, Liberdade e Fraternidade*, ordenaram perseguições contra aquela parte do operariado que investiga das causas do seu interminável sofrer e procura saendir a canga que lhe lançou a burguesia rapace. Desde há nove anos que raro é não haver nos cárceres para a gente, tem-se prendido a torto e a direito; prisões por denúncias anónimas, prisões por suspeita, prisões em massa. Parece-nos que nenhum país existe em que tantas detenções de carácter social se tenham efectuado. Chegou-se ao cúmulo de encher a trasbordar as prisões civis, de arremossar para as casas-matas dos fortes do campo entrincheirado centenas de criaturas e da redozida esquadra de guerra, habitualmente fundada em frente do Lisboa, muitas foram as unidades transformadas em prisões flutuantes.

Agora mesmo, estão presos algumas dezenas de trabalhadores. Quasi tudo gente nova, jovens operários do ideais emancipadoras, pertencendo à geração revolucionária e que ao cárcere foram parar pelo ardor que punham na defesa da causa dos oprimidos. Muitos estão sepultados no forte de Monsanto ou no Limoeiro, há bastante tempo; quasi todos desde as perseguições à mocidade sindicalista. E os governantes, a despeito dos esforços dos vários organismos operários, principalmente da Comissão Pró-Presos por Questões Sociais, não se resolvem a libertá-los; querem manter o seu encarceramento, tê-lo alenteiro quatro paredes, talvez na ingenua crença de conseguirem arrancar aqueles cérebros à rebeldia consistente dos proletários.

O pior, porém, é que além do sacrifício desses camaradas, sacrificio que, aliás, eles suportam do bom grado, convencidos de que não será inútil, as suas famílias, que eles geralmente mantêm com as parcas fêrias arrancadas à oficina, se debatem nãma situação económica difícil, falhos de recursos num momento como o actual, em que o dinheiro se gasta com uma rapidez vertiginosa, em que ele é sempre pouco em face das exigências dos merceeiros e dos alfaiatos, dos senhores e dos caterva do criaturas que vivem da exploração das pequenas coisas indisponíveis à vida. Vivem uma vida difícil e — deixam-nos dizer com toda a franqueza — o proletário não tem auxiliado como era da de 5 de Outubro, em que os seus deveres os que do mundo se enclavam contram separados pelas grades dum calabouço por terem ocupado os postos mais arriscados na primeira linha da guerra social. Poucas demonstrações de solidariedade monetária tem recebido os presos. Explica-se talvez essa falta de auxílio pelo cansaço de que as classes trabalhadoras estão possuídas, devido às sucessivas subcrises abertas para atender às pesadas despesas causadas pelas últimas agitações sociais.

Mas é de tal forma imperiosa a necessidade de se minorar a aflitiva situação dos camaradas encarcerados, que estamos certos que nenhum trabalhador identificado com a sua organização sindical deixará de arrancar alguns centavos à fôria, o que, de resto, não desequilibrará sensivelmente o seu orçamento doméstico. Por isso, neste breve artigo, recordamos a situação dos presos, convencidos de que hoje, à tardinha, após a saída dos lugares de trabalho, crescerá sensivelmente a lista dos donativos para as vítimas da arbitrariedade e violência do governo pseudo-democrático que agora nos rego e que tam encarnicadamente defende os interesses conservadores, ainda os mais inconfessáveis. O dinheiro dos trabalhadores torna-se necessário não só para atender à situação dos presos o suas famílias, mas ainda para as fianças, pois as autoridades judiciais, ainda não contentes com as dificuldades que opõem à apresentação dos fiadores, arbitram pesadas quantias para que sejam restituídos a uma liberdade condicional.

Se urge auxiliar materialmente os presos por questões sociais, não é menos urgente que todos os agrupamentos da guarda avançada manifestem encorajamento o seu protesto contra tam arbitrárias detenções. Não basta dar dinheiro; não bastam os protestos platinicos. Uma manifestação colectiva de consciência, uma afirmação de revolta clara e desassombrada, um grito de rebeldia contra as prepotências governamentais que ecoasse nos casarões do Terreiro do Paço, é que era necessário erguer. E nada disto se tem feito; tem-se mesmo aceitado com um certo indiferentismo toda essa enorme série de violências: cérebros de associações, prisões sem culpa formada, oncramento dos sindicatos, brutalidades da força pública. Todos esses casos tem passado quasi que indiferentemente para a grande massa trabalhadora. Estamos convencidos que não é por ter diminuído o seu grau de consciência, mas explicase talvez tam extranho acontecimento pela frequência com que desde há nove anos, os governos tem posto em prática censuráveis perseguições à organização sindicalista, a ponto de se se tornarem o pão nosso de cada dia. Assim a multidão habituou-se a esse cotidiano espectáculo, sofreu a exortorisação da sua colera, calou o seu protesto, limitando-se a guardar bem dentro do coração o

A BATALHA NO PORTO

A União dos Sindicatos Operários e a carestia da vida — As corporações de ofícios aderem, em ocasião para isso designada, ao movimento geral — Um praso ao governo para resolver — Uma moção importante — Uma resposta à Associação Comercial dos Lojistas

PORTO, 12. — Presidência pelo representante dos jardineiros, secretário pelos delegados dos encadernadores e por de viagem, efectuou-se ontem a sessão ordinária dos delegados da União dos Sindicatos Operários, conjuntamente com as direcções das associações de classe.

Expediente: officios das associações dos jardineiros, marmoristas, dos barbeiros e cabeleiros, tamanqueiros, pedreiros e boteiros, ao mesmo tempo que ratificando os seus protestos contra a burla da representação de Alfredo Franco na Conferência de Washington e dando conta de que as suas classes, reunidas em assembleia magna preparatória, deram a sua adesão ao movimento contra a carestia da vida, projectado pela U. S. O., desde o momento que, bem entendido, as chamadas classes de peso o secundem igualmente.

Pelas adesões recebidas constantemente, nota-se que a efervescência contra a usura capitalista é multissimo grande, sendo quasi todos os organismos operários de opinião que a greve geral no norte, como protesto contra a incúria criminosa dos dirigentes, se torna uma necessidade imperiosa, a ver se estes olham os oprimidos com mais um pouco de atenção e respeito.

A discussão, atenta a responsabilidade do problema, foi bastante demorada, ponderando-se inteligentemente todos os lados da questão. Que a actual situação económica é muito «encravada» e flagella impiedosamente as classes produtoras, que em nada concorreram para a anormalidade social que provocou no mundo inteiro a grandiosa convulsão que agita os povos escravizados e os faz pensar mais a fundo no mundo mais livre e igual — é um facto que está fora de toda a dúvida; que os governantes, longe de se esforçarem por encontrarem a deleitação do mal estar predominante, antes o tem agravado com as suas anseiras e encargos subsequentes tendentes a suprimir os desmandos dos ministérios — é um caso incontestável; que o industrialismo e o comercialismo, apesar de se confessarem, como o crente em coisas divinas, muito temerosos pelas consciências sociais e vingadoras que a Revolução Social, iniciada pelas camadas famintas, pode acarretar, em vez de abrandar, um tanto a sua marcha especulativa e de roubo, mais aguçam as garras e as crava a aduncamente no lombo do consumidor — é uma verdade que a ninguém é lícito negar. Daqui infere-se, muito naturalmente, que o desespero dos prejudicados, que tudo trabalham e nada possuem, vai se avolumando até que, nervosamente, gritem: — *Yanos a istoi!*

Ora este *Yanos a istoi!* significa um desejo justificado de que se exerça uma acção mais enérgica, fora do vulgar, liberta das meias frases, livre das meias tintas, uma acção tal qual a que há pouco tempo ainda aconteceu em Itália, que retumba, ecoe, fique perpetuamente vinculada na memória dos traficantes, para exemplo, para terem mais uma parcela de juízo. Mas para que um tal empreendimento, baseado num movimento de carácter geral, numa paralisação de trabalho completa, possa sair robusto e corajoso, indispensável é que haja mais preparação, mais organização, mais disciplina, mais homogeneidade.

As classes operárias desta cidade, após as reuniões de consulta e de propaganda, mostraram-se de acordo com uma greve até que as autoridades competentes deem uma resposta cabal às reclamações apresentadas pela União Local e sancionadas no monstroso comício de 14 de Outubro.

Ontem, na reunião de delegados e direcções dos sindicatos profissionais aderentes, tal acordo foi, por assim dizer, ratificado. A primeira palavra, pois, está dada. Mas como das palavras a realidade há um certo perigo, a U. S. O. entende agora conveniente que se inclinem todas as atenções para o fortalecimento da solidariedade, do bloco combativo e reivindicativo, que nos há de trazer a vitória, preparando-se todos para o sacrifício a arrostar, para a luta a sustentar, para as responsabilidades a medir.

A primeira adesão está dada; agora falta a metodização do movimento, a mecanização da peleja, a disciplinização dos combatentes, obedecendo tudo a um plano, a um comando, a um ideal — que vem a ser a bandeira da campanha. Enquanto, porém, isto se vai conseguindo, a U. S. O., isto é, as direcções das Associações corporativistas reunidas resolveram aproveitar o tempo, até que venha o dia do movimento mais enérgico, aprovando a seguinte moção apresentada pela C. A.:

«Considerando que o operariado continua sendo deixado ao desprezo por aqueles que tinham o dever fiduciário de velar por ele, para que nada lhe faltasse — visto serem os detentores da terra, das máquinas, dos meios de transporte, das casas que habitamos, da alimentação, do vestuário, da própria liberdade, etc., etc.;

considerando que os práticos, sempre fêrteis em promessas quando na oposição, logo que se sentem seguros no olimpo poiteiro governamental, cometem toda a casta de tropelias e escândalos, como, nestes últimos tempos, se tem visto até nos próprios ministérios;

considerando que é especialmente ao comércio e à indústria que convém esta amalgama anormal da política portuense, pois é a sombra de tais portuagens escândalos desenvolvidos pelos que nos governam que mais fácil e impunemente exploram a bolsa do consumidor;

considerando que nem uma só das chamadas classes liberais, e mesmo aquelas patronais, veio até nós demonstrar-nos que também a necessidade já atingiu os seus lares, apoiando as nossas reclamações contra os assambarcadores, perdendo, portanto, a autoridade moral para protestarem contra o que o operário, na sua infinita dor, venha a levar a efeito, visto que, na qualidade de trabalhadores do cérebro, nunca quiseram aproximar-se dos trabalhadores braças».

considerando que é aos governos que cabe toda a responsabilidade da gravidade do momento, já por que em vez de fazer regressar ao trabalho fítil todos os que dele andam afastados, ainda vem arrancar aos campos, às fábricas e às oficinas «muitos braços que nestas fontes de produção fazem falta, para se servirem deles como arma política e colocando-os na polícia, na guarda e em inúmeros lugares propostadamente criados para o anichamento de todos os que já não se querem habituar ao trabalho honrado, — já porque, graças aos exemplos que vem do alto, tamanha imoralidade de ociosidade e esbanjamento redunda em manifesto prejuízo da indústria e agricultura e consequentemente, da economia nacional;

considerando que a responsabilidade dos governantes sobre tal ponto que, estando grandes quantidades de toneladas de gêneros alimentícios a apodrecer nas colónias, à falta de transportes, estes estão em descanso nos portos estrangeiros, estando a nação a pagar as enormes despesas que vapores em tais condições ocasionam;

considerando mais que sempre que o operariado se lança em lutas pró-aumento de salários encontra pela frente o patronato a afirmar não ser esse o caminho viável a seguir, devendo-se antes reclamar o barateamento da vida, sem, no entanto, cooperar nestes movimentos; mais considerando que a organização operária do Porto não quer que alguém lhe possa assacar responsabilidades por se lançar num movimento menos pensado, o que não era honesto, visto que a única resposta que as autoridades deram ao comício de 14 de Outubro foi mandar indagar das moradas dos militantes, para lhes tirar a liberdade no momento em que o povo se resolvia a dizer que tem fome; as 45 direcções aderentes à U. S. O., reunidas com o fim de proseguir no movimento tendente ao barateamento do custo da vida, resolvem:

1.º que se envie ao governo, por intermédio da C. G. T., uma cópia desta moção, que se fará acompanhar de um officio explanatório, dando-lhe um praso máximo de 15 dias, a contar da data da entrega deste documento, para resolver;

2.º que, findo este praso, e não se obtendo satisfação, todas as classes, unidas como uma só, reclamem, dentro desta localidade, e perante todo o patronato local, um aumento nos salários nunca inferior a 50 %, ficando desde já em sessão permanente, não só a U. S. O., como também todas as direcções, a fim de que, a todos os momentos, possam ser procuradas e encontradas;

3.º que se não indique ao governo, o caminho que deve trilhar para levar a efeito o abastecimento do mercado e consequentemente o barateamento do custo da vida, visto nos arquivos empoeirados dos ministérios existirem, abandonadas, múltiplas indicações fornecidas pela organização operária portuguesa por diferentes ocasiões, que, postas em prática, atenuariam sensivelmente a miséria económica que o operariado vem suportando pacientemente;

4.º que se delcine no govêrno e nas autoridades suas subordinadas a inteira e absoluta responsabilidade de tudo quanto possa vir a acontecer, ocasionado pelo desleixo e cumplicidade com os assambarcadores;

5.º que todas as associações publicam este documento, bem como officio de que fala a primeira conclusão desta moção, em manifesto às suas respectivas classes».

A C. A. da U. S. O. foi louvada pelo trabalho que apresentou, sendo todo unânime em que agora, mais do que nunca, é preciso congregar esforços e esforços de desenvolvimento e levantamento das classes proletárias. O secretário geral narra a seguir a entrevista que a C. A. da U. S. O. teve, a solicitações da Associação dos Lojistas com a sua respectiva direcção.

Estabeleceu-se, por assim dizer, uma controvérsia com os representantes dos dois organismos diametralmente opostos, pretendendo justificar os comerciantes o seu modo de ver quanto à marcha que as coisas levam, e rebatendo-os os delegados operários, defendendo afeadamente o critério estabelecido pela organização sindicalista e mais do que uma vez patenteado em público e na imprensa. A direcção da Associação dos Lojistas, depois de vária argumentação infundada, terminou por apelar para que a U. S. O. apoie uma representação às instâncias superiores do Estado para que seja decretada a liberdade de comércio.

Estranhou-se que só agora uma entidade comercial se lembrasse de pedir às classes operárias a sua colaboração para que se consiga um melhoramento nas actuais condições de vida, quando, através de quatro ou cinco anos de guerra, os comerciantes já mais quiseram saber dos protestos dos produtores e consumidores. Isto demonstra, insofismavelmente, que se alimenta quando receio, temendo-se que surja um levantamento popular que tire a sua natural desforra.

Todavia, os delegados e direcções presentes não se manifestaram contrários à reclamada liberdade de comércio; muito antes a desejam, embora esteja suficientemente reconhecido que, quer haja a liberdade de comércio, quer essa liberdade seja restrita, a ganância comercial vem a ser quasi a mesma, visto que os detentores da produção, conluídos em pactos e organizados em *trucs* e *trusts*, perfeitamente se compreendem e raramente se mordem. Os exemplos vem de traz.

De resto, appareceu a dúvida e lembraram-se os princípios do sindicalismo revolucionário que não advoga a lida das colaborações estreitas e de fins reservados. E nestas condições, foi votada mais esta moção:

«Considerando que o operariado português em todos os seus movimentos de reclamação contra a carestia da vida tem reclamado a liberdade de comércio, o que mais uma vez se repetiu no comício do dia 14 de Outubro;

considerando que a organização operária milita num campo completamente apostado a quem se encontram os srs. comerciantes, assistindo-lhe o direito de suspender da boa fé daqueles que só a ela recorrem em momentos muito especiais; a assembleia das direcções reunida para tratar do assunto, resolve:

«Officiar à Associação Comercial dos Lojistas do Porto fazendo-lhe sentir que não pode o operariado, sem risco de comprometer a sua organização, enfileirar-se ao lado dos comerciantes para a solução de um problema que os comerciantes, que se apelidam as únicas forças vivas da nação, tem o dever de resolver».

Liga das Artes Gráficas do Porto

Em assembleia magna, reuniu a classe tipográfica desta cidade a fim de se ocupar do movimento contra a carestia da vida.

Falaram vários oradores, todos salientando a miséria proletária, agravada com a exploração patronal e comercial, além do desleixo e conivência dos governos, sendo, por fim, aprovada a seguinte moção:

«A classe gráfica, em sessão magna, reunida em 9 de Novembro ao convite da direcção da sua colectividade, reconhecendo que o movimento encetado pela União dos Sindicatos Operários contra a já mais que reconhecida carestia da vida, merece a unânime aprovação de todos os que no presente momento sofrem o mal-estar dos que não tem rendimentos próprios além do produto do seu trabalho, manifesta a sua afirmação de que em ocasião oportuna prestará todo o seu apoio às resoluções que se precisem levar a efeito, no sentido de melhorar a triste situação dos que trabalham».

Independente disto, tratou-se igualmente do actual horário de trabalho, reconhecendo a classe gráfica que agora tem direito ao regime máximo das 7 horas de labor, de dia, e 6, de noite.

Para melhor se discutir este assunto, vai effectuar-se, brevemente, uma nova assembleia.

Também se falou sobre a ameaça do *lock-out* patronal, macaqueando o patronato espanhol.

— A Companhia Carris quebrou o diário da tarde *A Voz Pública*, por encetar uma campanha contra a burla dos serviços dos eléctricos. A Companhia, que se julga em terreno conquistado, entende que só tem o direito de expor o público, trazer em circulação carros imundos e avariados, electrocutar os passageiros, atropelar os transeuntes, ficar com os trocos, não levar ao seu destino os que pagam, e bem pago, o seu bilhete, etc., etc. Já mais do que uma vez, embora resumidamente, nos referimos ao facto. Porém, por estas e por outras, é que a Companhia julgou azorado o momento de tirar a desforra, querelando *A Voz Pública*. Muito interessante há-de ser o julgamento...

Tribunal de Arbitros Avidores

Na sede deste tribunal, na rua da Boa Vista, 9, reuniram-se os arbitros das classes patronal e operária, a fim de continuarem os seus trabalhos sobre a nova lei do mesmo tribunal.

Estiveram presentes os srs. José Dias Sobral, António José da Silva Gomes, José Joaquim da Costa Mesquita, Teodoro Pombal, José Fernandes Júnior, Manuel dos Santos, José Joaquim de Almeida, José Luís Caetano e Joaquim Francisco dos Santos.

Depois de lida e aprovada a acta a comissão deu conta dos seus trabalhos, e declarou que o dr. Vitor dos Santos, que durante largos anos exerceu o cargo de presidente daquele tribunal, tinha accedido o encargo de fazer a parte jurídica da lei.

Foi depois lido um relatório feito pelo dr. Vitor dos Santos, onde é exposta a forma como o estrangeiro se regem os tribunais de Arbitros Avidores e as Comissões Sindicais para solucionar os conflitos entre os patrões e operários.

Passou-se em seguida à leitura do regulamento feito pelo mesmo advogado, ficando para ser apreciado na generalidade na próxima segunda feira, às 20 horas.

O crime da travessa dos Fieis de Deus

Devê-se hoje enviado para o tribunal José Marques, que como noticiámos, assassinou a Virgínia Pereira e feriu a sua irmã Maria de Jesus de Almeida, factos ocorridos numa casa da travessa dos Fieis de Deus, 86, 2.º.

O Marques confessou o crime e explicou as razões que o levaram a praticá-lo.

O caso Dias da Silva

O dr. Lopes Carneiro, juiz sindicante no caso Dias da Silva, e em que é sindicado o dr. Rodrigues Escudal, director da policia de investigação, ouviu ontem os depoimentos do sr. Manuel Guimarães, director do jornal *A Capital*, e o do deputado sr. Augusto Dias da Silva.

Perseguições governamentais

Comissão pró-presos por questões sociais

Reuniu esta comissão, apreciando a situação dos camaradas que ainda se encontram presos nas masmorras da República.

Vieram junto da comissão algumas famílias dos jovens Sindicatistas, para saberem da situação dos mesmos.

Também se recebeu uma carta dos jovens que estão no Forte de Monsanto, perguntando-nos o que havia sobre as fianças.

Também se apreciou a situação do camarada Francisco Gomes, serralleiro. Recebeu-se da Associação dos Cortadores de Lisboa, de uma queixada tirada numa sessão, a quantia de 5800, para auxílio dos presos por questões sociais.

Vieram entrevistar-se com esta comissão 3 camaradas da Associação de Classe dos Alfaiates, para saberem da situação dos seus camaradas sindicados. Apela esta comissão para a solidariedade a prestar aos presos por questões sociais, que ainda se encontram a ferros da República, para o que se encontram na sede da C. G. T. delegados desta comissão às 20 às 23 horas, para receber todos os donativos.

CONTRA OS AGIOTAS

Inquilinos, em guarda!

Já se realizaram algumas sessões preparatórias do grande comício público de protesto contra a ganância dos senhorios, promovido pela União dos Sindicatos Operários, e nessas sessões o numeroso auditório exteriorizou o seu ardente desejo de combater a especulação que se trama na sombra. Durante a próxima semana, nos vários sindicatos operários, outras sessões se realizarão. De esperar é que o povo trabalhador nelas compareça, demonstrando assim o seu interesse por tam justa campanha, correndo também em massa para o comício a realizar em breve. Só assim, fazendo ver aos governantes, dum forma palpável e iniludível, que a opinião pública está indignada com o procedimento dos senhorios, é que se conseguirá que não se realize a amaldiçoada transformação da lei do inquilinato, transformando com que os inquilinos sejam prejudicados. Se nos deixamos ganhar pela apatia, se o povo não desenvolver a necessária actividade para a defesa dos seus interesses, os senhorios, conluídos com os governantes, em que sempre tem encontrado bons amigos, exagerarão ainda mais os seus lucros, arrancados à bolsa do trabalhador, a esse tam escorrido, que parece impossível ainda dar abrigo a alguns pobres depois dos assaltos de que foi vítima da parte de industriais, comerciantes, agricultores e políticos.

Uma sessão de protesto na Associação dos Cabouqueiros e Fabricantes de Cal

Sob a presidência do camarada Luiz Machado, secretário por Ignacio Bôas e José Gomes, realizou-se antontem, conforme noticiámos, na sede da Associação de Classe dos Cabouqueiros e Fabricantes de Cal, uma sessão de protesto contra a ganância dos senhorios. Usaram da palavra os camaradas José Martins Grilo, Alfredo Lopes, Francisco Aparício, Luiz Machado, sendo unânimes em censurar asperamente os descaçoáveis propositos dos senhorios, que querem aumentar escandalosamente as rendas das casas. Os oradores aconselharam o auditório a secundar a campanha que está organizando a União dos Sindicatos Operários de Lisboa, e a accorder em massa ao comício publico que em breve se realizará.

Porque não se utiliza o metro cúbico para base da fixação das rendas?

Camarada redactor. — Tem a nossa *Batalha* tratado do momento caso das rendas das habitações e ainda do palpatante e nunca resolvido assunto da carestia da vida. Permite que, para tratar do primeiro, isto é, da renda das habitações, eu lhe roube um pouco de espaço.

Um dos alvites a que o nosso jornal deu publicidade é aquele que lembra o que se fez em Badajoz para conseguir que a renda da habitação diminuisse, o que se conseguiu — 50 por cento de abatimento. Ora isto entre nós seria um disparate que traria para nós e para os senhorios sérias consequências. Não ignoro o camarada que ainda há senhorios com um pouco de consciência e um tado-nado de humanidade. Há senhorios que tem elevado as rendas das casas 200, 300, 400 por cento e mais ainda e outros há ainda — mas poucos — que conservam as antigas rendas e ainda uma certa quantidade que pouco tem aumentado a renda aos seus inquilinos. Estes, quasi tenho a certeza, não fazem cóp com os *infelizes* que aumentaram as rendas 200 a 500 por cento e que em certa imprensa andam demonstrando que se continuam recebendo das suas casas o actual rendimento, não tardará muito tempo que tenham de vir para a via pública estender a mão à caridade. Se o povo de Lisboa, e muito principalmente aquele que exerce a sua actividade na fabrica e na officina, tal exigir comete um crime. E comete um crime porque, abater 50 por cento numa renda que foi aumentada 200, 300, 400 e mais por cento, deixa ainda margem a uma boa percentagem no capital empastado — se empastado — de ainda está — o que não creio, pois que estas rendas tem sido aumentadas em prédios que tem mais de 25 anos de construção, o que quer dizer que o capital empregado está salado; e vai exigir do senhorio um pouco mais humano, daquele que nada ou pouco aumentou, um sacrifício. Não é justo; não é equitativo.

Se nós, operários, sonhamos uma sociedade mais perfeita, uma distribuição mais equitativa, porque não reclamamos uma melhor forma de equiparar as rendas das habitações? Porque não damos já a este caso das rendas a distribuição equitativa?

Eu creio que a U. S. O. de Lisboa tem pesado com consciência este momento assunto, que o tem estudado em todos os seus detalhes, por isso o alvite que passo a expor valer algum tanto comparado com aquele que sai dum conjunto de ideias, do choque de opiniões de operários mais autorizados do que eu e que compõem a U. S. O. de Lisboa. Ninguém ignora que hoje, como sempre, o palácio, a casa grande, a casa cheia de ar e luz ficam mais baratas comparadas com o tugúrio onde se albergam os que trabalham. Já há alguns anos tratei deste assunto numa revista que então se publicava em Lisboa, mas não foi escutado. Equiparar a renda da casa grande com a casa pequena, eis o que é preciso e para isso só encontro um meio: pagar um tanto por metro cúbico da casa que cada um habita. Já eu uma casa grande, com janelas rasgadas, muito ar, muita luz, enfim, higiénica, com muitos metros cúbicos de cubagem? Paga tanto cada metro e a sua renda é X. Já eu uma casa pequena, e, portanto, de pouca cubagem? Paga tanto pelos metros cúbicos que possui.

Exemplificando: uma habitação tem de comprimento 10 metros por 6 de largo e 3 de pé direito; temos 10x6=60x3=180; outra 18 de comprimento por 10 de largo e 4 de pé direito; temos, pois, 18x10=180x4=720. Já quanto deve pagar cada metro cúbico? Entregar-se há isso a uma comissão competente e ela estudará o assunto e apresentará depois as conclusões a que chegou. Quanto a mim, que em 1913 optava por \$02,5 o metro cúbico, entendo hoje que não deve ir além de \$04. Isto não que diz respeito à simples casa de habitação, sem jardim nem quintal.

Para casas onde se exerça o comércio, naquelas que sirvam para a industria ou escritório, ou ainda naquelas que tem jardim ou quintal, outra forma há também equitativa, assim como para aquelas que ficam distantes dos centros de produção como para as que ficam intermedias. Outra forma há ainda, mas que tem sempre por base o metro cúbico e também o metro quadrado, mas como esta já vai longa, abstenho-me de a esmiuçar, ficando, no entanto, ao dispor do camarada redactor ou de outra qualquer entidade para fornecer as conclusões a que chegou sobre rendas urbanas. — **António Rodrigues Graga** (operário gráfico).

De 5800 para 41500

Pedem-nos a publicação da seguinte carta:

Camarada redactor. — Tenho seguido com atenção a campanha que o nosso jornal *A Batalha* tem feito contra a ganância dos senhorios. Pois também tenho um caso edificante a contar-lhe.

Há dias, falando com um camarada nosso, contou-me ele ter sido despedido da casa onde habitava, vindo-se na dura necessidade de alugar um primeiro andar na rua da Amendoeira, 53. Até aqui não vai a coisa mal, mas o melhor é que o senhorio, pelas 7 divisões que antes de umas pequenas obras alugava por 5800, pede hoje nem mais nem menos do que 41500! — **José Ferreira Carvalho**.

Vida cara e difícil

O abastecimento de açúcar

Uma comissão de importadores de açúcar, do Porto, acompanhada pelo presidente da Associação Comercial daquela cidade, conferenciou ontem com o ministro da agricultura acerca da importação e distribuição daquele produto. O ministro expôs as providências que o governo está adoptando sobre o assunto, e disse que em breve chegará a Lisboa algumas toneladas de açúcar, e que está diligenciando que os vapores da carreira de Africa carreguem ali o referido produto em quantidade suficiente, para que a metrópole seja convenientemente abastecida.

Distribuição de manteiga

Está concluída a distribuição da manteiga vinda dos Açores pelo vapor *Funchal*. Cerca de 100 requisições não foram, porém, retiradas ainda da direcção geral do Comércio Agrícola, e se não forem por estes dias, será a manteiga rateada por outros comerciantes.

Como se deve requisitar um género... que não aparece

Como foi noticiado, de futuro as requisições de açúcar para os diversos pontos do país, serão feitas exclusivamente pelas Câmaras Municipais. As requisições serão autenticadas com o selo branco e a assinatura do respectivo presidente do município, e visadas ainda pela autoridade administrativa. O açúcar será fornecido ao preço da tabela, acrescido das despesas de expedição.

As requisições de açúcar destinadas aos funcionários públicos, devem ser enviadas à direcção geral do comércio agrícola, numa relação por cada ministério da qual constará, além dos nomes, a categoria dos funcionários.

— Pela direcção geral do Comércio Agrícola foram enviadas à refinaria Hornung & C., na Avenida da India, todas as requisições de açúcar feitas pelos retalhistas de Lisboa, que ali devem effectuar o respectivo pagamento.

O público que se acoutele

O camarada Tomás Domingos de Oliveira pede a atenção dos ferroviários e do publico interessado, para o destino que levam os seguintes gêneros avariados:

Remessa 45.099 P. V. de Lisboa P. a Barcarena, composta de 20 sacas com milho avariado, consignadas a R. O.; Remessa 45.106 P. V. de Lisboa P. a Caldas, 33 sacas de milho em mau estado, consignadas a G. L. F.; remessa 39.472 P. V. de Lisboa P. a Paialvo, 10 sacas com feijão furado e cheio de bicho, à consignação de António Nunes dos Santos; 102 sacas com arroz podre e com bicho despatchado no dia 12, com destino à Póvoa; 60 sacas de milho de Lisboa P. para Abrantes. Existem mais 118 sacas do mesmo género, ainda no cais, cujo destino se ignora.

Uma frase característica

Ao ser examinada uma remessa do supradito milho avariado, um comerciante teve a seguinte frase que bem o caracteriza:

«Isto não faz mal; depois de estar na masseira não se sabe se é bom se é mau».

MOVIMENTO MARÍTIMO

Entradas em 14

Hiate português «Luís» de Larasse; lugre dinamarquês «Chr. H. Rasmussen», do Porto; vapores: português «Mossamedes», de S. Tomé e inglês «Highland Rover», de Londres.

DESASTRES

Os automóveis da Cruz Vermelha encontraram ao hospital, Gabriel da Silva, de 30 annos, vendedor ambulante, natural de Figueira dos Vinhos e residente na Estrada de Baixo, que ali foi colhido pela carroça que guiava, fracturando a perna esquerda.

— Ana da Glória, 60 annos, moradora no beco dos Ramos, 9, loja, que, na residência, deu uma queda, fracturando a perna esquerda.

— João Manuel, 41 annos, casado, trabalhador, morador na Ribeira de Baixo, em Barcarena, que na quinta do Salgueiro, sita na mesma localidade, e quando andava a varrejar azeitona, caiu de uma oliveira, ficando ferido na cabeça e no braço esquerdo.

— Os dois primeiros recolheram, respectivamente, as enfermarias de S. José Baptista e provisória do hospital de S. João e o último recolheu a casa, depois de pensado.

AGRESSÃO

Recebeu curativo no posto da Cruz Vermelha, José Mendes Barroca, 32 annos, marítimo, residente na rua Afonso de Albuquerque, 7, 3.º, que, quando se dirigia dentro de um carro eléctrico, foi agredido com o alicate de picar os bilhetes pelo condutor, ficando ferido na cabeça. Depois de curado, recolheu à esquadra da Boa Vista, bem como o condutor.

A BATALHA

NA PROVÍNCIA NOS ARREDORES

CHAVES, 10

Uma escola às moscas

A União Operária Transmontana veio, no dia 9, fazer uma conferência, o director da escola industrial e comercial, ultimamente criada nesta villa.

Como se vê aqui tudo é indiferença, ressença a escola da falta de frequência, não podendo, e claro, justificar as grandes despesas que faz.

O conferente expoz os fins e utilidade da escola, baseado a felicidade e a supremacia dum povo no seu desenvolvimento industrial e procurando captar as simpatias do operariado para a causa.

Se lhe tirarem todo o cunho politico pode ser útil... C.

SETUBAL, 12

Vacas grávidas para consumo — A escassez do pão de seguida — Um atropelamento — Mais um imposto?

Parece que, com o consentimento das respectivas autoridades e subdelegado de saúde, se tem abilitado nesta cidade vacas em estado de gravidez, sendo a carne, tanto destas como de das vitelas, vendida ao publico.

— Nas padarias desta cidade está-se exercendo a mais descarada especulação, quando parece com o consentimento das autoridades e dos vereadores padeiros.

E caso só se vender pão de 2.ª qualidade a quem comprar também de 1.ª, quem pretenda dois pães de 2.ª é obrigado a comprar um de 1.ª qualidade!

Na maior parte das padarias não se fabrica senão em diminutas quantidades o pão de 2.ª, para melhor facilitar a roubalheira.

GUIMARÃES, 12

Operários que conseguem melhoria de situação — Um alfaiate modelo

Já não vão para a greve os operários da classe de alfaiates, pois de virtude de terem obtido dos industriais um importante melhoramento, sustaram a greve preses a declarar-se. Deixaram de trabalhar, porém, a greve dos alfaiates, o regime das 8 horas com os seguintes ordenados: 1800, cortadores; 1800, surradores e 1800, ajudantes.

E' extremamente uma conquista memorável que acabam de fazer, embora durante muito tempo se vissem a braços com a miséria. Ouals eles se competerem de que o trabalho é uma maneira indigna para os seus assalariados. Pelo facto de alguns operários terem abandonado a sua casa onde trabalhavam, negou-lhes umas garantias prometidas, o que acabou em uma exploração infame, pois que os referidos operários, além de nada lhe deverem, contribuíam bastante para o seu bem-estar.

A fim de obter alguns vinténs que aquele senhor lhes quer extorquir, vão aqueles camaradas apresentar a sua queixa ao respectivo sindicato... C.

SETUBAL, 13

Impostos municipais — Os senhorios e os comerciantes preparando-se para a exploração

A vereação municipal desta cidade, com a ingenua desculpa da melhoria de situação económica dos seus empregados e operários, pretende lançar um imposto de 10 % sobre as contribuições do Estado e tributar os gêneros de primeira necessidade, aumentando-lhes as taxas e ainda um imposto de 2 % sobre o pescado.

Numa ocasião em que o povo trabalhador de Setúbal se debate com a mais crueza das misérias, a vereação municipal, com a ingenua desculpa da melhoria de situação económica dos seus empregados e operários, pretende lançar um imposto de 10 % sobre as contribuições do Estado e tributar os gêneros de primeira necessidade, aumentando-lhes as taxas e ainda um imposto de 2 % sobre o pescado.

Em face de tam grande monstruosidade, comento, o povo de Setúbal se põe de sobreaviso e protesta com toda a sua energia, não consentindo mais esta infâmia.

Assim não proceder, continuando na inação estúpida, nada mais terá a esperar do mais um escandaloso aumento, tanto no preço da habitação como nos gêneros, que tem necessitados a vida.

E, depois, lá estarão os beneméritos senhorios e os honrados comerciantes a espreita de mais esta concessão para a sua insana exploração de que vem fazendo uso.

Alerta, pois, trabalhadores e povo não riço! Resistência! Resistência é que é preciso... C.

OSCAIS, 13

Os roubos continuam — A câmara também rouba — A tempestade causa inundações e os lavradores alegam-se — Um roubo fora da lei — O S. Martinho e seus efeitos

O roubo atingiu um desvaronamento inaudito. Tudo rouba. A própria Câmara Municipal rouba o pão do pobre e a carne dos pobres e sem avião prévio. Porque, fiquem sabendo, a câmara também negocia e negocia de modo que não pode ter concorrência. Monopolizou os carnes. Só ella tem o direito de as vender no concelho.

Quem nos diria que aqueles homens que do roubo do doze centos e de furtos de pequenas coisas, pretendiam engulir os monopólios, seriam os primeiros a monopolizar!

Decididamente, neste indito país, temos a certeza de que os camaráes que muitas vezes nos repugna acreditá-los. Mas, falando sobre o roubo dos comerciantes, seja-nos lícito explicar uma coisa. O ministério da agricultura não fornece aos comerciantes gêneros ao preço da tabela, nem lhes indica onde devem comprá-los.

Os escandalos apparecem dia a dia. Poluam os concelhos. Os lavradores vivem tripes-forra sem que os incomodem. Ser-se ladrão, é hoje o sinónimo de homem honrado.

Enquanto que em França os gatinhos do povo são condenados, neste país vivem luxuosamente, passejam de automóvel e sustentam amplas casas.

Que extrema desmoralização! O pior é que tudo isto pagará um dia os seus crimes com capital e juros. Não mantenham ilusões vãs. Neste momento temos de profetizar a história fraca do conde de Albranches: «E' faltar vilanagem!»

— Durante a noite e o dia de hoje tem de sabado uma forte chuva, que continua a inundar a agricultura. Não fornece aos lavradores. Entretanto os lavradores mostram-se satisfeitos.

— Na Abastarda, os gatinhos roubaram,

N.º 260 de A BATALHA Folhetim N.º 47

O CALVARIO

POR

OCTAVE MIRBERG

XII

E' para que elas habitem palácios que tu calas extenuado de cansaço; que tu morres de fome, que te esmagam a cabeça sobre as barricadas... Repara bem!... Quando saís para a rua, reclamando pão, os gendarmes acoiadam-te, ferozes, a ti, pobre diabo!... Vê como eles abrem caminho aos carros e aos cavalos que as transportam! Repara! Que bela vindima! Que bela colheita de sangue!... Como o trigo com a espiga, forte e nutridor, na terra onde elas apodrescem!...

De repente, vi Juliette... Vi-a, durante um segundo, de perfil... Levava um chapéu cor de rosa, e estava fresca, sorridente; parecia feliz, correspondia, com ligeiras inclinações de cabeça, aos cumprimentos que lhe dirigiam... Juliette não me viu... Passou...

Vai a minha casa!... Lembrou-se... Não tive a menor dúvida!... Passava um fiacre vazio... Subi para ele... Juliette havia já desaparecido...

Contanto que eu chegue ao mesmo tempo... Porque ela vai a minha casa!... Depressa, cocheiro, depressa! Nenhum trem diante da porta do hotel... Juliette já tinha partido! Precipitei-me no cubículo da porteira. Vieram agora procurar-me? Uma senhora?... Madame Juliette Roux?... Não, senhor Mintie. Então, tenho uma carta?... Nada, senhor Mintie. Pensei: Chegara, dum momento para outro! Esperei... Ninguém!... Esperei ainda... Ninguém!... O tempo fugia... Ninguém!

A miserável!... E sorria!... E o seu rosto estava alegre!... E sabia que eu devia matar-me às seis horas! Corri à rua Balzac... Célestine assegurou-me que a senhora acabara de sair.

Escuta-me, Célestine... Tu és boa rapariga... Eu estimo-te... Sabes onde ela está? Vai procura-la, e diz-lhe que a desço ver.

Mas eu não sei onde a senhora está... Sim, Célestine, sim; tu sabes... Suplico-te... Vai! Sofro tanto!

Palavra de honra!... Senhor, não sei.

Insisti: Talvez esteja em casa do amante... ou em qualquer café... Oh! diz-me! Mas, se o não sei!

A impaciência apoderava-se de mim. Célestine... Tenho sido bom para ti... Não me irrites... senão... Célestine cruzou os braços, abanou a cabeça, e com uma voz arrastada de vadio, exclamou: Senão, quê?... Ah! o senhor está

a aborrecer-me!... Ou deixa de perseguir-me ou eu acabo por chamar a polícia. Entende?... E, empurrando-me para a porta, rudemente, acrescentou: Ah! E' bem certo!... Estes porca-lhões, são piores do que cães! Tive a prudência precisa para não ariscar uma discussão com Célestine, e, vexado, desci a escada.

Era meia noite quando voltei à rua Balzac... Tinha vagueado em volta dos restaurantes, procurando Juliette com os olhos, através dos vidros, por entre as aberturas dos reposteiros... Tinha entrado em diversos teatros... No Hippodrome, onde ela costumava ir, percorri todos os camarotes... Aquele grande recinto, aquelas luzes deslumbrantes, aquela orquestra, sobretudo, que tocava uma ária languida e triste, tudo isso me tinha distendido os nervos, tudo isso me tinha feito chorar!...

Aproximei-me de grupos de homens, pensando que falaria de Juliette, que conseguiria saber qualquer coisa. E de todos os elegantes de casa, dizia: Talvez seja o amante dela!

Que fazia ali?... Parecia que o meu destino era correr por toda a parte, sempre, sempre, viver sobre os passelos das ruas, à porta dos locais duvidosos, esperando a vinda de Juliette!...

Exausto de fadiga, com a cabeça a zumbir, não encontrando Juliette em parte alguma, postei-me de novo na rua. E esperava!... O quê?... Na verdade, nem o sabia... Esperava tudo e não esperava nada... Estava ali para me sacrificar, mais uma vez ainda, ou para cometer um crime... Esperava que Juliette voltasse só... Então correria para ela, enternecê-la ia... Receava também vê-la com um homem... Se

assim fosse, talvez a matasse... Não premeditava coisa alguma... Estava ali, eis tudo!... Para melhor a surpreender, escondi-me no ângulo da porta da casa vizinha.

Dali podia observar tudo, sem ser visto, caso não quizesse mostrar-me... A espera não foi grande. Um fiacre, desmontando do *faubourg Saint-Honoré*, meteu pela rua Balzac obliquamente para o meu lado, e, correndo rente ao passeio, parou em frente da casa de Juliette!... Eu sufocava... Todo o meu corpo se agitava, sacudido por estremecimentos... Juliette descia primeiro... Reconhecia-a... Atravesou correndo o passeio, e vi que puxava pelo botão da campainha... Depois um homem desceu por sua vez; pareceu-me que reconhecia também aquele homem... Ele aproximou-se da lanterna, puxou pela bolsa, da qual tirou algumas moedas de prata, que examinava à luz, com o cotovelo levantado... E a sua sombra, sobre o solo, estendia-se angulosa e espitida!... Quiz precipitar-me... Um peso enorme retinha-me pregado no chão... Quiz gritar... A voz estrangulou-se-me na garganta... Ao mesmo tempo, um frio intenso subiu-me do coração ao cérebro... Tive a sensação de que a vida me abandonava... Fiz um estorço sobrenatural, e cambaleando, avancei para o homem... A porta estava aberta, e Juliette tinha desaparecido, dizendo: Vamos!... Sobel

O homem continuava remexendo na bolsa... Era Lirat!... Se as casas e o céu me tivessem caído sobre a cabeça, eu não ficaria mais estupefacto!... Lirat com Juliette!... Não podia ser... Eu estava doído... Avancei ainda...

Lirat!... gritei eu... Lirat!... Ele tinha acabado de pagar, e olhava-me, petrificado!... Imóvel, com a boca escancarada, as pernas afastadas, olhava-me, sem dizer uma palavra!... Lirat!... E's tu?... Não és tu, não és verdade?... Pareces-te com Lirat, mas não és Lirat!... Lirat ficava silencioso... Vejamos, Lirat!... Tu não me farias isto... Eu então teria de dizer que me mandaste para Ploeh, a fim de me roubares Juliette!... Tu, aqui, com ela!... Oh! é uma loucura!... Lirat! Lembra-te do que me disseste dela... Lembra-te das belas coisas que me alimentaste o espírito... Das belas coisas que incutias ao meu coração!... Essa miserável mulher!... E' boa para mim, que estou perdido!... Mas tu!... Tu és generoso, tu és um grande artista!... E' para te vingares de mim?... Um homem como tu não se vinga dessa maneira... Não se vinga... Se não te procurei, Lirat, foi porque não me atrevi, foi para não incorrer na tua cólera!... Vejamos, fala-me, Lirat... Responde-me!

Lirat continuava silencioso, Juliette chamava-o do corredor: Vamos! Sobel.

Agarrei nas mãos de Lirat. Olha, Lirat... Ela ri-se de ti... Não compreendes?... Um dia, disse-me: Hei de vingá-la de Lirat, do seu desprezo, dos seus modos altivos... Há de ter graça! E vinga-se... Vais para casa dela, não é verdade?... Amanhã, esta noite mesmo, daqui a pouco, expulsar-te há vergonhosamente!... Sim, é isso o que ela quer, juraste!... Ah! Compreendo!... Perseguiu-te... enlouqueceu-te... Ela é o génio do mal; tu, és um casto!... Der-

ramos veneno nas tuas veias... Mas, tu és forte!... Depois do que se passou entre nós, tu não podes!... Ou então és um mau homem, um animal imundo, tu, a quem eu admirava!... Um animal imundo!

Lirat, bruscamente, desembalou-se de mim, e, afastando-me, com os punhos crispados: Pois bem, seja! exclamou. Sou um animal imundo!... Deixa-me!

Houve um ruído surdo, que ressoou na noite como o estampido de um trovão... Era a porta que se fechava sobre Lirat!...

As casas, o céu, as luzes da rua, giravam, giravam... E não vi mais nada. Extendi os braços para a frente, e caí sobre a calçada!...

Então, no meio de campos tranquilos, descobri uma estrada, toda branca, sobre a qual um homem caminhava. Esse homem contemplava, embevecido, as searas que, amadurecidas ao sol, os grandes prados onde rebanhavam alegres pastavam com o foinho enterrado na erva... As macleiras estendiam para ele os ramos carregados de frutos purpúreos, as fontes caíam no fundo das suas grutas musgosas... Ele sentou-se sobre a margem, coberto naquele sítio de pequenas flores perfumadas, e, deliciando-se, escutava a música divina das colinas... Em toda a parte, vozes que se elevavam da terra, vozes que caíam do céu, vozes acariçadas, murmurando: Vem para nós, tu que tens sofrido, tu que tens pecado... Somos as consoladoras que restituem aos desgraçados o repouso da vida e a paz da consciência... Vem para nós, tu, que queres viver!... E o homem, com os braços erguidos para o céu, suplicou: Sim, quero viver!... Que é preciso

fazer para não sofrer mais? Que preciso fazer para não mais pecar? Os arvôres agitam-se, os trigalhos ondulam; desprendem-se um mistério de cada tulo de relva; as flores baloçeram no cimo das hastes as suas pequenas corolas, e de todas as coisas elevou-se uma única voz: «Amar-nos!» disse ela. O homem continuou o seu caminho... Em volta, as aves turbinavam... No dia seguinte, comprei um fato de operário... Então, o senhor vai-se embora?... disse-me o criado do hotel, a quem eu acabava de dar os meus fatos velhos. Sim, meu amigo! — E para onde vais o senhor? Não sei! Na rua, os homens fizeram-me o efeito de velhos loucos, de esqueletos muito velhos, que se desmantelavam, cujos ossos, mal ligados por pedacinhos de fio, caíam sobre a calçada, em estranhas ressonâncias. Via os crânios ocultos, no cimo das colunas vertebrais, quebradas e inclinaem-se sobre as clavículas desconjuntadas; os troncos abandonavam os troncos, os troncos abandonavam as filhas de costelas... E todos esses despojos de corpos humanos, desgrenados pela morte, chocavam uns contra os outros, sempre arastados pela febre homicida, agulhados sempre pelos prazeres, sempre disputando imundos cadáveres já corrompidos...

FIM

"Garantia"

Companhia de Seguros Marítimos e Terrestres

FUNDADA EM 1853

SÉDE NO PORTO: RUA FERREIRA BORGES (Edifício próprio)

Capital 1.000 CONTOS

(Um milhão de escudos)

Sinistros pagos até 31 de Dezembro de 1918: 6.579.529\$26,6

Dividendo distribuído, ídem, ídem: 1.394.000\$00

Efectua seguros contra riscos de fogo, industriais, lucros cessantes, aluguéis de prédios, greves e tumultos (só em prédios e mobilias), agrícolas, automóveis, riscos marítimos e riscos de guerra.

Agentes em Lisboa

José Henriques Totta & C.ª

BANQUEIROS

69 a 79, Rua Aurea, 69 a 79

Telefone 533 e 1589 Central

BRIQUETTES DE S. PEDRO DA COVA

Pedidos ao agente exclusivo

E. DE AGUIAR

RUA DOS CORREIROS, 210

TELEFONES: 4340 e 3550

Execução de encomendas imediatas ao mais baixo preço do mercado.

Atenção

Alfred Wilm, proprietário da patente de invenção n.º 7628 para «Um processo para aperfeiçoar as ligas de magnésio», concedida a 2 de Maio de 1911, desajando que o seu invento seja o mais possível aproveitado no país, declara que se prontifica a conceder licenças para o gozo parcial do privilégio ou mesmo a vender a patente. Correspondência a Haseltine, Lake & C.ª, 28, Southampton Buildings, Chancery Lane.

Quereis fazer economias?


COMPRAI NA

Louçaria do Páço Novo

Louças esmaltadas, vidros, jarras, can didros, faianças, porcelanas, etc., etc.

Serviços de jantar e almoço em faiança e porcelana.

Variedade em objectos para brindes. Sortimento em artigos de uso doméstico.



PREÇOS DA FABRICA

Largo do Páço Novo, 22 -- Lisboa

(fundo da C. do Combro, defronte da Palmeira)

PAPELARIA

Viuva de Manuel da Costa Marques & C.ª Limitada

Rua do Ouro, 36

Telefone 2.676-C.

COMPLETO SORTIDO DE ARTIGOS PARA ES-CRITORIO

Em tempo de eleições, E. Malatesta

Progo 2 centavos

Leiam todos — Um folheto de boa propaganda



Não me ralo!

Vou ali à CHAPELARIA LUZITANA, e por um preço baratíssimo, compro um chapéu bom, bonito, bem acabado e dum sólido capaz de resistir a todos os vãos.

CHAPELARIA LUZITANA

Rua Arco Marquês de Alegrete, 45-51

A BATALHA em TOMAR vende-se no escritório de Raimundo Ribeiro, rua Leiria, onde recebe anúncios e correspondências.

LIMA NETO, MOURA & C.ª

Compra e venda de títulos nacionais e estrangeiros

Rua dos Retrozeiros, 100 a 106

Esquina da rua dos Sapateiros, 1 e 3

TELEFONE 3844 TELEGRAMAS — «IMAN»

OURIVESARIA

A REALIDADE

OURO E JOIAS

Compra e vende por melhor preço

OURIVESARIA

A Realidade

44, Rua Eugénio dos Santos

(Antiga Rua de Santo Antão) 657

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mesclas em cores lindíssimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

ESPECIALIDADE EM CHAPEUS DE SEDA E FLAMÃO

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Séde: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: — Rua do Arco do Marquês de Alegrete, 50, 58

Fábrica de bonets

Chapéu modelo Jaurès (Exclusivo)

OURO!!!

Mais barato e não se paga feito — Só milagre!!!

OURO

Comprem na conhecida e acreditada casa Paiva & Fraga.

Ha sempre grande sortido de cordões, correntes, anéis, alfinetes e mais objectos em 2.º mão renovados com pouco feito.

4 a 12, R. de Palma, 4 a 12

Junto à Casa das Galoas

TELEFONE 3676

NOTAS & COMENTÁRIOS

por PEREIRO DE CARVALHO

Recebem-se pedidos na administração da Batalha.

Comp. Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Leilão

Em 12 de Novembro próximo futuro e dias seguintes a 11 horas, por intermédio dos agentes de leilões srs. Casimiro C. da Cunha & Sobrinho, Sucessores, na estação desta Companhia em Lisboa, Cais dos Soldados, e em virtude do Aviso n.º 10.000 de 14 de Março de 1918, e do Artigo 115 da Tarifa Geral, proceder-se-á à venda em hasta pública de todas as remessas incursas nos respectivos prazos bem como de outros volumes não reclamados.

Avise-se, portanto, os respectivos consignatários, de que poderão ainda retirar, apresentando o seu cartão à Companhia, para o que deverão dirigir-se à Repartição de Reclamações e Investigações na estação do Cais dos Soldados, antes de dias úteis, até 11 do referido m.º de Novembro inclusive, das 10 às 16 horas.

Lisboa, 25 de Outubro de 1919.

O director geral da Companhia

Ferreira de Mesquita

A BATALHA em LAGOS, en-

contra-se a venda na Haverás Pedro Dias.

TUBO de chumbo novo para

Agua e Gás.

Tubo de ferro fundido para algarozes de 4"

Zinco em barra para galvanização de cavilhões.

Apo francês especial para minas 1" 1/4 citavado.

Rodas Decauville novas.

Prancheta de ferro 1" X 3/16.

Meia cana 1" 1/2 X 1/2.

Folhas novas de molas.

Vergalhão de ferro novo 1" 3/4 quadrado.

Ferrogem diversa para navios.

Paus de carga.

Um motor a gaz pobre completo Stoeport 30 HP.

Serra circular com mesa de ferro.

Uma ventoinha 7" 3/4.

Dois enfardadeiras para palha.

Uma enfardadeira para cortiça.

Madeira para calças de exportação.

Vende: A. B. dos Reis.

Cais do Sodré, n.º 52 — Tel. C. 4317.

SIFILIS

Grande descoberta de plantas para a cura da sífilis e de todas as doenças que derivam da impureza do sangue. Custos da cura são muito curados. Trapa-se de todas as doenças por meio de ervas. Pacote, 600 réis. Traveza da Oliveira, 21 rua do-chão, d'alto, à Estrela.

As valentes e PERAS

Para a rapaziada

Mais de dez mil pares de botas

Botas brancas as Valentes para a rapaziada a 7500, 95250 e 95750.

Botas pretas ou de cor a 65750, 85750, 95750.

Botas pretas de vitela americana a 10500, 125500, 135500 e 155500

Sapatos em pelica para senhora a 65750, 75500 e 85500.

Sapatos em pelica-verniz para senhora a 115500, 125500 e 145500.

Grande variedade de calçado de luxo para senhora, homem e criança

Venham vêr as Valentes

Manda-se calçado para a Província contra reembolso

Fornecedor dos empregados dos Caminhos de ferro Portuguezes e do Sul e Sueste e Cooperativa dos empregados do "Diário de Notícias".

Sapataria de S. Roque

LARGO DE S. ROQUE, 16, 17

A Minha Defesa

por Jorge Etievant

Auto-defesa do autor no tribunal, é uma das melhores obras de propaganda social revolucionária.

Pedidos desde já à administração de A Sementeira, Cais do Sodré, 88, ou na administração deste jornal.

Cada exemplar, 5 centavos.

— ASFALTO —

Execução rápida de qualquer trabalho na província e em Lisboa. Único preservativo contra a humidade e salitre nas paredes.

R. Vitorino Damasio, 16 e 18 (Ao Jardim de Santos) (645)

Telef. 3799 José A. Alves

Biblioteca de A BATALHA

LEITURA QUE RECOMENDAMOS

Adrian del Vale — Jesus na guerra	\$50	Krapotkine: Os bastidores da guerra	\$03	Tolstoi: A próxima revolução.	\$30
Albert — O amor livre	\$50	A conquista do pão	\$50	A escravidão moderna	\$40
Alfredo N. Dias — A Razão (poemeta social)	\$05	Palavras dum revoltado	\$50	Pão para a boca	\$20
Berthelot — Evangelho da Hora	\$05	A grande revolução (2 vol.)	\$100	Ao clero	\$30
Carvalho — Nem Deus nem Diabo	\$30	Em volta duma vida..	\$105	Varennes — O terrorismo em França	\$70
Claro — Oração da fome..	\$18	A anarquia — Sua filosofia, seu ideal	\$20	Zola: A taberna (3 v.)	\$120
Dufour — O sindicalismo e a próxima revolução (2 vol.)	\$100	Landauer — A Social Democracia na Alemanha	\$02	A obra (2 v.)	\$80
Delaisi — Os financeiros, os políticos e a guerra	\$05	Leone — O sindicalismo	\$50	A terra (2 v.)	\$80
Delessalle — A Confederação do Trabalho	\$03	Libertas — O rei e o anarquista	\$03	A alegria de viver (2 v.)	\$80
E. Silva — Teatro livre e arte social	\$05	Lima (Adolfo): Educação e ensino	\$40	Lourdes	\$105
Etievant — A minha defesa	\$05	O movimento operário em Portugal	\$20	A SEMENTEIRA — 4.º ano e até ao último número da 1.ª série, 16 números, 128 páginas de sociologia, biografia, gravuras, etc.	\$30
Gorki: Os vagabundos	\$40	Malatesta: Em tempo de eleições	\$02	Os 2 primeiros anos da 2.ª série, 1916-1917, com ótima e variada colaboração, canções revolucionárias com música, trovas sociais, teatro, gravuras, etc., além de cerca de 400 receitas, fórmulas e conselhos, um volume de 384 páginas, solto	\$50
Os degenerados	\$40	Entre camponeses...	\$10	Os 4 anos da 2.ª série (1916 a 1919) 656 páginas...	\$100
Scenas de família	\$40	A política parlamentar no movimento socialista	\$02	FOTOGRAVIAS (em papel couché), de Bakunine, Berthelot, Caffery, Darwin, Faure, Ferreira, Gori, Lorenzo, Morris, Paepke, Proudhon, Reclus, Sandermann, Stepiak, cada	\$02
A mãe	\$05	lista	\$02	O ZE (Número comemorativo do 1.º de Maio 1919)	\$02
Angústia	\$30	Marx — O capital	\$50		
Na prisão	\$40	Molinari — Problemas sociais	\$25		
Os ex-homens	\$30	Nordau: A mentira religiosa..	\$20		
		As mentiras convencionais da nossa civilização (2 vol.)	\$50		
		Prat e Briand — Sindicalismo e greve geral	\$25		
		Ribeiro — O sentido de viver (versos)	\$40		
		Roland — A Rússia Nova..	\$10		
		Saigado — Mentiras religiosas	\$45		

Satisfazem-se todos os pedidos destas e de outras publicações, quando acompanhados das respectivas importâncias, e dirigidos à administração de A BATALHA.

CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º

LISBOA-PORTUGAL